

**SANDRA MARA SOARES**



# **REPRESENTAÇÕES E AFETOS NA PRÁTICA DO ARTESANATO**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG  
2015

**SANDRA MARA SOARES**

## **REPRESENTAÇÕES E AFETOS NA PRÁTICA DO ARTESANATO**

### **Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a): Maria do Céu Diel de Oliveira

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Soares, Sandra Mara

Representações e afetos na prática do artesanato: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Sandra Mara Soares. – 2015.  
48 f.

Orientador (a): Maria do Céu Diel de Oliveira

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Oliveira, Maria do Céu Diel de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Belas Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes**  
**Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia intitulada Representações e afetos na prática do artesanato, de autoria de Sandra Mara Soares, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Profa. Dra. Maria do Céu Diel de Oliveira - Orientadora

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha – Membro da banca

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha  
Coordenador do CEEAV  
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

Dedico esse trabalho à minha família; ao meu pai, José, (In memoriam); à minha mãe, Madalena; ao meu marido, Paulo; aos meus filhos, Guilherme, Daniel e Gláucia; e aos meus netos, Henrique e Cecília.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, Senhor da minha vida, por me conceder mais essa vitória. À minha família; ao Paulo, meu marido; e à minha filha Gláucia, por sua presença e incentivo em todos os momentos. Aos meus filhos Guilherme e Daniel pelo encorajamento. Aos voluntários que ofereceram suporte nas oficinas. Aos adolescentes que participaram das atividades.

Agradeço à minha orientadora Maria do Céu, por sua atenção, apoio e competência.

“Na arte, a mão nunca pode executar algo superior  
ao que o coração pode inspirar.”

Ralph Waldo Emerson

## RESUMO

O presente estudo aborda uma experiência com o artesanato fora do espaço escolar; mais especificamente em oficinas de artesanato desenvolvidas com adolescentes em uma igreja na região metropolitana de Belo Horizonte. Tendo-se como base algumas definições sobre arte e artesanato, suas semelhanças e diferenças; tentou-se pontuar situações em que o artesanato pode ser mediador nas relações; promovendo a ativação da memória afetiva, por meio do encontro com objetos artesanais que se conheceu no passado. O livro *Meditações sobre um cavaleiro de pau*, da autoria de E. Gombrich, foi utilizado como articulador em todas as etapas dessa investigação. Essas meditações serviram como uma espinha dorsal conduzindo os debates tanto nas definições sobre arte e artesanato quanto nas reflexões sobre a representação e o afeto no artesanato, e, por fim nas discussões sobre as oficinas.

Palavras-chave: oficinas de artesanato; representação; afeto.



## **ABSTRACT**

This study addresses a craft experience out of school; more specifically in workshops developed with teenagers in a church in Belo Horizonte metropolitan region. Taking as base some definitions of art and craft, it's similarities and differences; the study tried to point situations where the craft can be a mediator in relations; promoting affective memory activation, through the meeting with handmade objects known in the past. The book *Meditations on a hobby horse*, written by E. Gombrich, was used as an articulator in all stages of this investigation. These meditations served as a backbone leading debates either in definitions of art and craft or in reflections about representation and the crafts affection; and, finally in discussions about the workshops.

Keywords: craft workshops; representation; affection.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 O Homem Vitruviano.....	18
Figura 2 Oficina de papel marmorizado.....	32
Figura 3 Oficina de papel marmorizado.....	32
Figura 4 Oficina de papel marmorizado.....	32
Figura 5 Oficina de papel marmorizado.....	33
Figura 6 Secagem dos papéis marmorizados.....	33
Figura 7 Oficina de objetos a partir dos papéis marmorizados (cadernos) .....	35
Figura 8 Oficina de caixa-cartão.....	36
Figura 9 Oficina de caixa-cartão.....	36
Figura 10 Oficina de caixa-cartão.....	36
Figura 11 Oficina de revestimento de latas e embalagens reutilizáveis.....	38
Figura 12 Oficina de revestimento de latas e embalagens reutilizáveis.....	39
Figura 13 Oficina de revestimento de latas e embalagens reutilizáveis.....	39
Figura 14 Oficina de porta-lápis.....	40
Figura 15 Oficina de porta-lápis.....	40
Figura 16 Oficina de porta-bloquinho.....	41
Figura 17 Oficina de porta-bloquinho.....	41
Figura 18 O trabalho finalizado.....	42

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
MEMORIAL.....	14
CAPÍTULO 1	
ARTE E ARTESANATO: CONCEITOS, SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS.....	16
CAPÍTULO 2	
REPRESENTAÇÃO E AFETO NO ARTESANATO.....	25
CAPÍTULO 3	
METODOLOGIA.....	30
3.1- Primeira Oficina.....	31
3.2- Relato.....	31
3.3- Segunda Oficina.....	34
3.4- Relato.....	34
3.5- Terceira Oficina.....	37
3.6- Relato.....	37
3.7- Discussão.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

## INTRODUÇÃO

A arte e o artesanato são formas de expressão que se distinguem, no que se refere à maneira de se expressar, na relação com os materiais utilizados e na comercialização. O artesanato mostra-se como uma atividade que prioriza a preservação da cultura, a repetição dos itens manufaturados e é um meio de sobrevivência para muitos de seus trabalhadores, que em muitas comunidades utilizam-se de matérias primas locais e tradicionais. Já a arte é um meio de expressão dos sentimentos da alma e uma busca por novos estilos e tendências. A arte também reflete a cultura de um povo, porém não de forma repetitiva como o artesanato, e sim de forma crítica e reflexiva. A arte se propõe a levar as pessoas a refletirem sobre seu tempo, suas ações e valores. O artesanato consiste em uma atividade de características regionais e culturais, porém cada peça produzida tem expressão e identidade, uma vez que passou pelas mãos hábeis e cuidadosas do artesão. Contudo, tanto o artesão quanto o artista precisam de conhecimento técnico específico para a realização de seus trabalhos. Assim, para estas duas modalidades expressivas, é relevante o saber fazer.

Tendo os conceitos de arte e o artesanato como embasamento, o presente estudo teve como ponto de partida a escrita do memorial solicitado pela orientadora desse trabalho de conclusão de curso. Frente às reflexões sobre as experiências e angústias relatadas no memorial, surgiu a intenção em pesquisar as atividades de artesanato fora do ambiente escolar. De forma mais específica, observaram-se as atividades de oficinas de artesanato desenvolvidas com adolescentes de uma igreja na região metropolitana de Belo Horizonte.

Dentro da expectativa do Curso de Especialização em ensino de Artes Visuais em aproximar seus alunos do artesanato e também na intenção de fazer uma reflexão sobre a prática, justificou-se, assim, essa investigação. Diante disso, intencionou-se pesquisar como se dá essa prática de atividades artesanais com os adolescentes da referida igreja; e, buscou-se conhecer a metodologia utilizada para que tais atividades artesanais aconteçam. Tem-se, *a priori*, a compreensão de que essa prática, além de promover experiências com materiais e técnicas de artesanato,

oferece oportunidades para que esses adolescentes reflitam sobre sua realidade, se aproximem de outros jovens e se expressem por meio das oficinas de artesanato.

Foi realizado um levantamento bibliográfico no capítulo um e pesquisaram-se, inicialmente, alguns conceitos sobre arte e artesanato, bem como se argumentaram sobre algumas semelhanças e diferenças observadas entre as duas atividades. Na intenção de dialogar com esses referenciais e visando promover reflexões sobre a prática em artesanato foi indicada pela orientadora a leitura do livro do autor Gombrich (1999), *Meditações sobre um Cavalinho de Pau e Outros Ensaios sobre a Teoria da Arte*. Além do livro, a orientadora indicou o filme *Agonia e Êxtase* (1965). Partindo desses dois referenciais foi possível estabelecer um debate a respeito das convergências e divergências entre as funções do artesão e do artista. O filme, ao mostrar parte da vida e obra de Michelangelo, elucidou em suas cenas como os artistas e artesãos realizavam suas tarefas na época retratada. Além disso, a história desse grande escultor e pintor possibilitou que se estabelecesse um diálogo com as ideias do autor do livro indicado.

Prosseguiu-se essa pesquisa tendo as meditações de Gombrich (1999) como inspiração; pode-se dizer até como espinha dorsal, que conduziu os diálogos nesse estudo para tentar refletir sobre o afeto e a representação no artesanato. Teceram-se, então, uma escrita no segundo capítulo a respeito dos sentimentos que são experimentados por aqueles que adquirem peças artesanais; as lembranças ou as memórias que os objetos artesanais suscitam nos seus compradores, promovendo a ativação da memória afetiva. Isso permite que relembrem as vivências que tiveram no passado sobre pessoas próximas que realizavam aqueles mesmos tipos de objetos artesanais. Para além disso, buscou-se meditar sobre os sentimentos que temos ao comprar objetos artesanais para presentear. Os cuidados que sempre se tem com a escolha do artesanato adequado para cada pessoa que se quer presentear.

No terceiro capítulo foi apresentada a pesquisa de campo e a metodologia utilizada. Tratou-se de uma abordagem qualitativa, uma vez que consiste em um estudo em que estão envolvidas atitudes, significados e a busca pela compreensão de determinada realidade. Foram observadas as atividades de artesanato envolvendo um grupo de adolescentes em uma igreja na região metropolitana de Belo Horizonte. As atividades ocorreram em três momentos. O primeiro momento constou de uma

oficina de papel marmorizado. Já o segundo e terceiro momentos trataram-se de oficinas para realização de objetos utilizando os papéis marmorizados da atividade anterior. Foram relatados os procedimentos ocorridos nas oficinas e bem assim os comentários dos alunos e as avaliações orais realizadas ao final de cada oficina.

Na discussão ocorreu um debate entre o que foi possível observar nas oficinas, no que se refere à expressão dos alunos, com respeito a seus sentimentos, e, a posição de Gombrich, autor escolhido para dialogar com essa proposta de pesquisa do artesanato fora do ambiente escolar.

## **MEMORIAL**

Sou formada em Pedagogia e atualmente participo, juntamente com outras pessoas, de um trabalho voluntário em uma igreja na região metropolitana de Belo Horizonte. Esse serviço voluntário tem seu foco no contato direto com adolescentes e crianças. Eu ofereço a minha contribuição em oficinas de brinquedos; preparação, contação e dramatização de histórias; elaboração de cartazes com letras das músicas cantadas com as crianças, dentre outras atividades.

Tenho realizado esse trabalho por muitos anos, mesmo em outro espaço. Entretanto, percebi que as propostas que tenho desenvolvido referentes ao reconto de história e atividades de artesanato e oficinas tem sido basicamente o de sempre. São na maioria das vezes sugestões copiadas de livros de atividades para crianças, ou retiradas de sites; enfim, a maioria das propostas sempre copiadas, alguma modificação aqui e ali, porém, pouca criatividade.

Constantemente eu passava por momentos de grande angústia e tensão, pois sabia que deveria buscar algo novo, procurar ajuda e me qualificar para fazer um trabalho mais proveitoso. Eu sentia que poderia fazer melhor e o que fazia não era o meu melhor. Por muito tempo esse sentimento incomodou-me e perturbou-me. Era uma sensação de mesmice, sempre repetindo ou modificando um pouco as atividades. Foi em algum desses momentos de angústia que decidi procurar um curso de especialização em arte que me mostrasse outras possibilidades de trabalhar com esses meninos de forma mais criativa e atualizada. Pensei nesse curso como uma porta para novas ideias e propostas de atividades que envolvessem as crianças e os adolescentes e os levassem a ter experiências em arte.

E, nesse tempo do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais vivenciei inúmeras experiências significativas. Os aprendizados foram construídos por meio dos contatos com os professores e tutores, materiais e atividades variadas, textos, livros, sugestões de exposições, filmes e vídeos, dentre outros. O conhecimento não veio somente por meio das disciplinas oferecidas, mas com os colegas que em muitas oportunidades apresentaram trabalhos dinâmicos e inspiradores. Vários colegas que são professores de arte compartilharam o que eles já realizaram com seus alunos em termos de oficinas. Esse contato, mesmo sendo breve, uma vez que se trata de um curso à distância, foi proveitoso e desafiador. As aulas de monotipia e gravura foram bem dinâmicas; já as aulas de fotografia e vídeo ampliaram minha visão sobre o quanto é possível realizar com os adolescentes, partindo da utilização das câmeras dos celulares, equipamentos que eles utilizam sem qualquer dificuldade. Esses foram apenas alguns exemplos, dentre muitos.

## CAPÍTULO 1

### ARTE E ARTESANATO: CONCEITOS, SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Desde o começo da humanidade a arte sempre marcou a sua presença nas expressões culturais, o que permite ao ser humano mostrar sua capacidade de imaginar, de criar e de construir o novo no meio onde vive. A arte pode ser considerada, então, como imaginação que tem características de produtividade e que, além disso, é permeada por ações e reflexões e com caráter dinâmico.

A arte e o artesanato fazem parte de um mesmo mundo de ideias, porém tornam-se distintas no que se refere à apropriação dos materiais e da cultura do meio em que estão instalados. Essa é uma afirmação de Saturnino (2009).

Essa autora enfatiza que no artesanato, a atividade manual dá o tom para a produção, imprimindo na fabricação das peças um caráter utilitário associado ao contexto cultural. O artesão é aquele que domina a técnica; é o que guarda os processos para execução de uma peça e sabe todos os procedimentos e as etapas, mantendo um padrão na confecção dos objetos. A autora ainda complementa que o artesanato consiste em um processo em que se aprende a fazer fazendo, tendo-se como objetivo a venda dos produtos.

O trabalho artesanal exerce grande influência no cotidiano de muitas pessoas que, em diversas situações, transformam matérias-primas naturais em objetos destinados a diversos setores como: utensílios domésticos, decoração, peças para vestuário, bijuterias, calçados, entre outros. O artesanato tem a característica, não só de complementação de salário para aumentar os ganhos de uma família, mas de geração de emprego e renda para muitos lares, podendo-se ir além e afirmar que em muitos casos é um meio de sobrevivência. Além disso, o fator cultural deve ser considerado. O artesão tem a responsabilidade de dar continuidade ao legado cultural da sua família ou da região ou mesmo do estado onde vive.

Já a arte, para Saturnino (2009), é uma expressão do ser humano, partindo de um conhecimento intuitivo; possibilita que o artista signifique e re-signifique o mundo. A arte permite que o ser humano dê forma material e sentido às suas ideias, que podem ser difundidas ou negadas. A autora argumenta que a arte consiste em uma área de conhecimento mesclada por norteadores que vão da pesquisa e da construção do conhecimento à sensibilidade e ao devaneio.



Argan (1995) explica que a imaginação é a faculdade que permite ao ser humano pensar em si mesmo de uma maneira diferente do que ele é. Ele argumenta que sem imaginação pode ocorrer cálculo, mas não pode haver projeto. Para este autor o projeto consiste na predisposição dos meios operacionais para que sejam colocados em prática os programas imaginados.

As pinturas rupestres foram as primeiras expressões artísticas do ser humano, além de utensílios para a casa ou para outras finalidades. De acordo com Duarte (1996 p.38), “a arte do homem pré-histórico é tudo o que restou integralmente desses nossos antepassados.” Assim, podemos entender que o que temos conhecimento sobre os primeiros seres humanos só foi possível, na maioria das situações, devido às suas expressões artísticas que consistem em um legado para as gerações.

Na concepção de Gombrich (2011), não é possível dar o nome de arte a algo; o que há são os artistas. Ele argumenta que no passado os homens desenhavam a silhueta de um bisão nas paredes de uma caverna utilizando-se de terra colorida; e que na atualidade algumas pessoas compram tintas e desenhavam em tapumes. Entende-se com essa afirmação que as expressões artísticas dos seres humanos são diferentes em lugares e épocas distintas, porém eles a denominam arte. No entanto, ele enfatiza que não existe arte com A maiúsculo e que em algumas situações alguém pode gostar de um quadro que na verdade não se trata de arte; além disso, até um artista pode produzir um quadro que não pode ser chamado de arte. O autor prossegue explicando que existem razões errôneas para não se gostar de um objeto de arte, sendo que muitos querem ver nos quadros o que lhes agrada no real. No entanto, ele argumenta que se deve lutar contra a rejeição inicial a algum tema que não seja considerado agradável de olhar. Para o autor a recompensa ocorrerá ao se perceber que a beleza de um quadro não consiste na beleza do tema apresentado. Deve-se ressaltar, no entanto, que esta é uma concepção de arte e artesanato referente ao Ocidente.

No confronto entre beleza e estética encontra-se o esclarecimento desse mesmo autor de que no princípio do século III as expressões artísticas gregas apresentavam grande dramaticidade. O artista buscava contrastes como: força e debilitação física, a morte e a vida, o nu e o vestido, mas não desprezava a busca pela perfeição e pela beleza. Tal ideal de beleza tornou-se tão solidificado que por muito tempo foi fonte de inspiração para muitos artistas e em muitos lugares. Entretanto, na Idade

Média, no período entre o século IV e XIII, esse ideal sofreu modificações, sob influência da Igreja Católica, a qual pregava que o belo pertencia somente a Deus. A concepção do belo nunca foi abandonada, o que ocorreu foram construções de vários cânones de beleza, como por exemplo, o Homem Vitruviano de Leonardo Da Vinci.

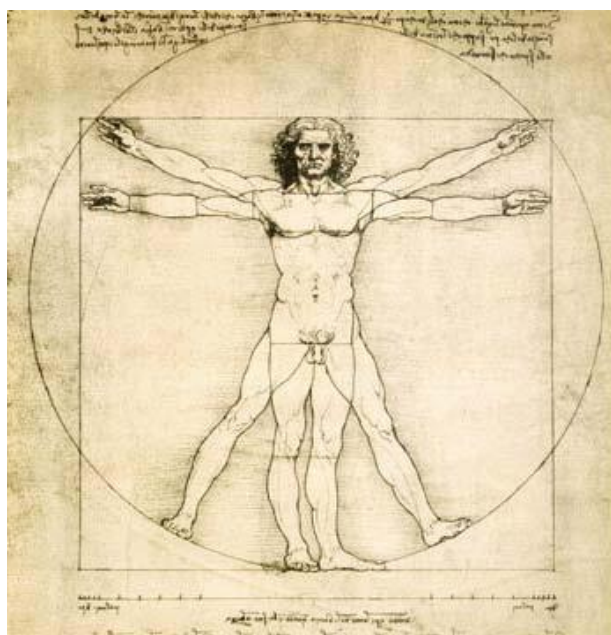


Figura 1: O Homem Vitruviano. Desenho de Leonardo da Vinci (1452-1519). Fonte: <<http://www.infoescola.com/desenho/o-homem-vitruviano/>> Acesso em 21/11/2015.

No entanto, em outro momento da história, mais especificamente no Romantismo, encontramos artistas que pintaram temas fortes. E, da mesma forma que apreciamos os temas em que a beleza é exaltada, conseguimos ficar deslumbrados diante de quadros que mostram temas chocantes. Esses temas conseguem captar nossos olhos e nossos corações devido à semelhança que tem com as emoções que sentimos no decorrer de nossas vidas. Além disso, tais poéticas tem correspondência com os nossos valores atuais, como: liberdade e nacionalidade, dentre outros.

Ampliando o conceito de arte encontra-se outro pensamento:

Na atual condição da cultura admite-se até (por exemplo, nas poéticas dadaístas) que o mesmo objeto possa ser simultaneamente, arte e não arte, bastando para qualificá-lo ou desqualificá-lo como arte a intencionalidade ou a atitude do artista ou, até, do espectador. (ARGAN, 1995, p.20)

O conceito de arte passou por variações ao longo dos tempos e hoje é possível que não encontremos um significado unânime para o que se possa chamar de arte. Encontra-se em Morais (1998) a tentativa de organizar alguns conceitos sobre arte:

Devo confessar preliminarmente, que eu não sei o que é belo e nem sei o que é arte. Mario de Andrade, 1938.

A arte é um conceito estatístico, se há gente suficiente que decide que uma coisa é arte, então é arte. Piotr Kowalski, 1977.

Tudo é arte. Nada é arte. Bem Vautier, 1973.

Hoje a arte é ainda da mais alta importância, porque é por ela que as leis de equilíbrio podem ser demonstradas de uma maneira direta, independente de toda concepção individual. Piet Mondrian, 1925.

A arte não reproduz o invisível, torna visível. Paul Klee, 1925.

As obras de arte são projeções da “Vida Sentida” em estruturas espaciais, temporais e poéticas. Henry James.

...Arte é expressão, nada mais e nada menos. Herbert Read, 1951.

A Arte é individual como criação e plural como significado. Frederico Morais, 1994.

A arte tanto pode morrer de um excesso de rigor quanto de uma extrema liberdade. Henri Lefebvre, 1953. (MORAIS, 1998, p.33-43)

Na expectativa de tecer paralelos entre os conceitos de arte e artesanato buscou-se observar as atividades de artista e artesão em um filme denominado *Agonia e Êxtase* (1965). Nesse filme foi possível perceber diferenças e semelhanças entre as duas atividades artísticas. Nessa encenação vê-se a agonia de Michelangelo ao tentar acatar a ordem do Papa Júlio II e pintar afrescos no teto da Capela Sistina. Nessa empreitada ele não encontrou prazer e alegria no trabalho que realizava, como pode ser constatado neste soneto:

Já me fiz crescer um bucho nesta fadiga / como faz a água aos gatos  
na Lombardia / ou qualquer outra terra por aí, / pela força com que o  
ventre preme sob meu queixo. / A barba ao céu, e a memória sinto  
dobrada sobre a espinha, e o peito / e o pincel acima do rosto  
contudo / desenha, gota a gota, um rico assoalho. / E as costas me  
entraram na pança / e faço do cu contrapeso da corcunda, e sem  
olhar, mexo os pés em vão. / Diante de mim se estira meu couro, / e  
para se dobrar atrás se enruga, / e me estendo como um arco da  
Síria. / Porém, falaz e estranho / surge o juízo que a mente traz, / que

se sai mal com uma zarabatana torta. / Minha pintura morta / trata de defender, Giovanni, a minha honra, / não estando eu em bom lugar, nem como pintor. (BUONARROTI, M.1994, p.29)

Na tentativa de se livrar dessa situação ele destrói o trabalho já realizado e abandona o serviço. Ao fugir de tão angustiante tarefa ele encontra, de forma inesperada, a inspiração que necessitava para a realização do trabalho dos afrescos. E, essa inspiração acontece em certo momento, isto é, quando ele está só e em um local isolado e apenas olhando para o céu. A partir desse momento ele inicia a elaboração de seus esboços; e, as ideias vão fluindo e ele as desenha uma a uma, com ânimo e ligeireza. Na contemplação das nuvens e do céu ele vê a figura de um rosto que para ele representa Deus. E, esse foi o início das ideias que surgiram para o planejamento e execução das pinturas dos afrescos no teto da Capela Sistina, em Roma. A disposição e entusiasmo com que esse artista apresenta seus esboços ao Papa e a maneira de se portar ao desdobrar os papéis com os esboços demonstram que ele já possuía toda a obra dos afrescos concluída em sua mente. Nota-se em seu comportamento que esse era o tipo de trabalho que lhe daria prazer e significado, pois a partir de então ele executaria algo mais desafiador e envolvente. Mesmo sabendo que tais encenações se tratam de licença poética do diretor, entende-se que tal licença poética é inspiradora.

Avançando na compreensão sobre convergências e divergências entre as atividades de artistas e artesãos podem-se observar alguns sinais demonstrados nos sentimentos de tristeza, de angustia e de agonia apresentados por Michelangelo no referido filme. Tais sentimentos foram ocasionados pela obrigação ou por ter sido contratado para fazer algo em que não se sentiu inspirado e que não lhe trazia prazer. A manifestação de insatisfação diante de um trabalho que é realizado por obrigação é uma das características que distingue um artista de um artesão. Deve-se salientar que a época retratada no filme já era um tempo em que as profissões de artista e artesãos eram bem definidas. A arte era uma área de conhecimento, uma ciência; porém, o artesão era um trabalhador subalterno. No filme mencionado, as atividades dos artesãos ficam bem evidenciadas; alguns artesãos ficavam encarregados de preparar a argamassa para que seus companheiros a aplicassem no teto; enquanto isso outro ajudava na tarefa de transferir os esboços desenhados no papel para a superfície de argamassa no teto. Simultaneamente outros artesãos preparavam as tintas nos tons solicitados pelo artista. O artista dominava as técnicas

da artesanaria em todas as suas etapas, porém o trabalho de finalização da obra, ou seja, o trabalho mais refinado, o da pintura em si era designado para o artista. Hoje, o artista também domina as técnicas relativas à sua área de atuação, porém, na maioria dos casos ele mesmo executa as etapas referentes ao trabalho a ser realizado. Portanto, entende-se que o artesão simplesmente faz, cumpre um cronograma de trabalho e executa o serviço que lhe é proposto. Mesmo que o artesão tenha conhecimentos da técnica e de todos os processos necessários para se executar um trabalho, ainda assim há a questão de realizar um serviço submetido a um mestre ou patrão, ou seja, o artesão tem um vínculo com o artista responsável pela conclusão da obra. O artista, por sua vez, não tem esse tipo de vínculo; ele tem que se sentir inspirado, motivado, e perceber que o que faz é algo significativo e prazeroso. O artesão pode até pintar com a mesma categoria e harmonia de cores que um artista, como se constatou nas atividades dos ajudantes de Michelangelo ao pintarem os afrescos na Capela Sistina, mostrado no filme. No entanto, o trabalho do artista vai além da técnica; o artista planeja seu trabalho, desenha os esboços, faz, modifica, observa, reflete e refaz. De acordo com Gombrich (2011) o artista não se mantém obediente a regras fixas, ele apenas tem pressentimentos do caminho que deve seguir e busca a realização do equilíbrio certo. Entre essas duas modalidades de expressão o diferencial consiste nas regras; o artesanato caracteriza-se pela repetição, já a arte não.

Estendendo a reflexão sobre o filme *Agonia e Êxtase* (1965) vê-se que Michelangelo representou Deus em uma figura de ancião com semblante decidido e firme, porém amistoso e com mão estendida para tocar. Nos afrescos originais que Michelangelo concebeu, as figuras foram desenhadas mostrando os corpos nus. Entretanto, posteriormente por determinação do Papa, a nudez de alguns personagens foi coberta. Essa é a ideia que ele concebia na sua mente de como seria a imagem de Deus. Gombrich (1999) desenvolve uma admirável meditação sobre um cavalinho de pau e dessa maneira ele expõe suas teorias a respeito da representação. O cavalinho de pau era uma representação, um substituto para um cavalo de verdade. A representação, não necessita obrigatoriamente de ter semelhanças formais, apenas as que são referentes à função que o substituto exerce. O cavalinho de pau deveria, segundo o autor, ter características de um cavalo. E a primeira característica que ele observa em um cavalinho de pau feito com uma vara é que ele

é cavalgável. Seu dono pode rodear-lhe com as pernas e empreender uma cavalgada, arrastando sob si o que representa um cavalo. Na sequência esse autor discorre sobre vários outros detalhes que o dono do cavalinho de pau poderia acrescentar para dar-lhe mais características que lembrasse um real cavalo; como por exemplo, desenhar na extremidade superior da vara dois pontos para representar os olhos e colocar um pouco de capim seco para dar a ideia das crinas. E, assim, a reflexão desse autor remete à atitude de Michelangelo, que também procurou desenhar Deus, na cena da criação, conferindo-lhe características que nos levassem a ver Deus. Para o grandioso pintor, Deus é representado na figura de um ancião, com barbas cinzentas, rosto saudável, com feições de alguém que sabe o que está fazendo, porém demonstra ternura e aparenta ser misericordioso. Michelangelo viu esse semblante de Deus nas formações que as nuvens apresentavam no momento em que ele contemplava o céu. Corrobora com esse fato o pensamento de Gombrich (1999) ao afirmar que as nossas funções perceptivas são hipersensibilizadas para perceber fisionomias. A mais insignificante insinuação é suficiente para que nossa mente crie fisionomias expressivas que exibem olhares intensos e penetrantes. Ele esclarece que, dependendo da relevância biológica que um objeto tem para nós, mais rapidamente será a resposta de reconhecimento desse objeto. Esse autor ainda acrescenta que se estivermos vivendo um momento de forte emoção, no escuro ou em estado febril, o nosso equipamento perceptivo entra em ação e em determinados momentos de forma patológica. Portanto, naquela situação em que Michelangelo encontrava-se como um fugitivo, escondendo-se do seu líder espiritual, era, então, um momento de forte emoção. Além disso, ele se encontrava em um ambiente de solidão, na penumbra do entardecer do dia e as nuvens ali no céu promovendo toda a atmosfera necessária para a hipersensibilização perceptiva. Exatamente nesse ambiente, mesclado de situações favorecedoras, surgem na mente do famoso artista as imagens da figura de Deus, no instante da criação do ser humano, e, que o renomado artista tão majestosamente representou em um dos afrescos no teto da Capela Sistina. Posteriormente as imagens para os outros afrescos foram surgindo em sua mente. Na concepção de Carol Reed, diretor do filme, fica evidente que a inspiração para um artista criar sua obra vem de Deus. Isso é comprovado quando o Papa Júlio II, ao final da encenação fala a Michelangelo que somente os santos e os artistas tem

contato próximo com Deus. Já na opinião de Ostrower, In Pereira (1981), a criação não ocorre num vácuo, pelo contrário, ela se dá em meio a um ambiente onde a cultura e o tempo que se vive sejam permeados por valores.

Quanto à questão da ocasião em que ocorreu a separação entre arte e artesanato nota-se que essa ruptura teve início, conforme afirma Argan (1995), por volta do século XV, quando ocorreram significativas transformações na sociedade de Florença. Tais mudanças se deram na esfera econômica, social e política. A atividade comercial desenvolveu e, as atividades artísticas acompanharam esse desenvolvimento. Antes desses acontecimentos as atividades de artista e artesão se confundiam. A partir de então ocorreu uma distinção entre o fazer manual e a idealização de uma obra de arte.

A valorização da obra de arte foi outro fator que influenciou na separação das classes de artesãos e artistas. Associado a isso veio a ascensão da classe burguesa. Com o crescimento dessa classe houve o interesse em atender a demanda de produtos e a intenção de obter mais lucro com as mercadorias. Frente a essa situação, muitos artesãos foram contratados pelos burgueses para realizarem trabalhos com produção maior. E, assim, os artistas ficaram com os trabalhos associados à valorização do trabalho que eles exerciam, o qual consistia em valor maior que o material utilizado, ou seja, a valorização do objeto de arte valorizou o artista.

É necessário voltar a meditar juntamente com Gombrich (1999) e tomar emprestado seu cavalinho de pau, para que se possa realizar um trabalho de arte fora do espaço escolar e com a intenção de envolver a criatividade e a alegria. Conveniente será tomar as rédeas desse quadrúpede e partir em cavalgada para um trabalho em que as crianças e adolescentes possam ter experiências com os materiais, com as técnicas e com as diferentes expressões artísticas. Os aprendizados construídos a partir das meditações desse autor evocam a ideia do brincar com arte e com naturalidade. É possível entender, tendo como ponto de partida as reflexões do autor, que o brincar é extremamente mais significativo e mais relevante que o brinquedo. Por vezes pensa-se na escassez e falta de materiais para as atividades e isso às vezes limita a criatividade e os projetos são adiados ou cancelados. E, nas meditações que o autor constrói ao longo do capítulo encontram-se indicações de que pouco é suficiente para que a imaginação flua e ganhe asas. Ao se ler as

argumentações desse autor, o que vem à mente são adjetivos como: a simplicidade e a autenticidade; características próprias de crianças e que, em muitos adultos, já não são notadas, ou são reprimidas e, por que não dizer, desprezadas. A leitura das colocações do escritor faz emergir um sentimento de desafio e de coragem, uma vez que despertam a consciência de que pouco é necessário para se transportar e ser transportado ao mundo da imaginação e da fantasia.



## CAPÍTULO 2

### REPRESENTAÇÃO E AFETO NO ARTESANATO

O artesanato sempre atrai a nossa atenção, quer seja pelas características regionais, ou pelas cores vibrantes, ou pela oportunidade, em algumas situações, de podermos conversar diretamente com o artesão sobre seu trabalho; enfim, o artesanato é atrativo e desejável. O artesão deve ter habilidade, destreza e técnica. Cada objeto confeccionado deve merecer atenção especial; e se no transcorrer das etapas de fabricação houver a necessidade de alguma interrupção, para ser feita alguma intervenção no processo, o artesão deve saber como efetuar as devidas modificações para retomada da produção.

Mesmo em meio a um mundo globalizado, com produtos de várias partes do planeta chegando ao nosso mercado com preços baixos e sempre artigos diferenciados, ainda assim isso não conseguiu impedir que as atividades artesanais continuassem se expandindo. O objeto artesanal tem uma característica cultural e regional e esse é um fator que mantém muitas famílias e comunidades reunidas em torno da fabricação das peças. Os artigos artesanais se impõem como produtos autênticos e característicos de um determinado povo.

Quando visitamos alguma cidade onde o artesanato é uma atividade que absorve a mão de obra de grande parte dos moradores daquela comunidade sempre voltamos com algum objeto característico daquele lugar. Na maioria das vezes trazemos muitos artigos para presentear familiares e amigos. E esse artesanato é geralmente uma forma de manter a economia daquele município em franco desenvolvimento.

Os objetos artesanais que trazemos na bagagem vem carregados com os nossos sentimentos ao conhecer aquele lugar. Principalmente quando gostamos da paisagem, ou dos monumentos, ou do clima, ou da culinária ou das histórias dos antigos moradores da região, ou das lendas e contos, ou *causos* que fizeram da cidade conhecida e procurada por turistas. São objetos que nos comunicam o que a cidade é, seus costumes, suas tradições e regionalidades.

E, sempre o que nos atrai e cativa é a possibilidade de trazer conosco algo que continue nos ligando e mantendo viva em nossa lembrança os dias de descanso e lazer que desfrutamos naquela viagem. Sem mencionar as vezes em que trazemos

também em nossa bagagem até artigos comestíveis para prolongarmos o gostinho da viagem e mantermos por mais algum tempo o clima de férias, que não sei por quê, parece que tem seus dias curtos e passam mais rápido do que os dias de trabalho.

Quando compramos esses artigos artesanais nas coloridas e aromáticas feiras das cidades pelas quais passamos alguns dias de descanso, sempre nos deparamos com algum produto que nos faz rememorar nossa infância. Quantas vezes as toalhas de crochê ou as colchas de *patchwork* (deve-se lembrar que as colchas feitas pelas avós nem recebiam esse nome, eram chamadas colchas de retalho) transportam-nos para o passado e podemos relembrar nossa avó sentada à máquina de costura, com seus pedais a postos e rodeada de retalhos. Ali, naquele universo de cores e pedaços de tecidos de texturas, estampas e desenhos variados, ela fazia suas composições de cores e simetrias com apenas sua intuição e a vontade de realizar um trabalho bonito e colorido. Aquelas vovós, muitas vezes, nem conheceram a teoria das cores e muito menos tiveram acesso às noções de geometria, porém as colchas tinham um maravilhoso equilíbrio de cores, algumas se destacavam pelos contrastes; outras tinham o foco no tom sobre tom; outras ainda combinavam tecidos listrados em uma fileira e tecidos com estampas de florzinhas em outras. É difícil imaginar como elas conseguiam realizar aqueles desenhos com as figuras geométricas; os losangos perfeitos se encaixavam e faziam nossos olhos procurarem pelas estampas iguais e, ao mesmo tempo, se dispersavam diante do efeito daqueles xadrezes e listras. No trabalho de construção artesanal as artesãs das nossas lembranças sempre tiveram os olhos atentos e as mãos cuidadosas ao estabelecerem um ritual para a confecção dos artigos em seus mínimos detalhes. Os retalhos eram lavados previamente para se verificar se os tecidos soltavam tinta, e, após esse processo, se iniciava a separação por cores, texturas e estampas. Deve-se lembrar aqui outro fator que é de grande relevância, a dificuldade que essas artesãs enfrentavam para conseguir os retalhos adequados. Na atualidade os tecidos estão acessíveis a qualquer cidade, mesmo nos municípios do interior mais remoto tem-se a facilidade para conseguir retalhos de tecidos com as estampas, cores e texturas que se procuram. Além disso, existem várias fábricas de roupas que doam retalhos e mesmo os tecidos com leves defeitos são disponibilizados para as amantes do *patchwork*. Essas artesãs separavam, então, com caprichosa seleção os

retalhos que possivelmente iriam utilizar; e, em caixas separadas elas organizavam os retalhos levando-se em conta as cores, ou estampas, ou texturas.

Esse processo de produção artesanal carregava em si o carinho e a dedicação que na época muitas vezes nem percebíamos, ou mesmo nem valorizávamos; porém, quando nos deparamos com objetos artesanais que nos fazem lembrar esses processos que presenciamos no passado, então nossa mente se transporta para aquele tempo e aquela peça que seguramos nas mãos tem o poder de trazer à nossa lembrança o afeto por aquela pessoa que fazia aquele tipo de artesanato. O artesanato que compramos ali, naquele momento, suscita lembranças tão significativas e memoráveis, as quais ativam a nossa memória afetiva e nossas emoções são afloradas. Em consonância com essas ideias, encontra-se o pensamento de Gombrich (1999), ao terminar suas relevantes meditações ele afirma que não é possível fazer com que o cavalinho de pau signifique para qualquer pessoa aquilo que significou para quem o criou. Diante disso, entende-se que o artesanato tem essa característica de trazer significados específicos permeados por afeto e representação.

Em outro viés de pensamento podemos lembrar as vezes que compramos algum presente para alguém em feiras de artesanato. A caminhada que empreendemos para conhecer todas as categorias de objetos feitos por mãos humanas e expostos num mesmo lugar é sempre uma tarefa prazerosa. Normalmente essas feiras são grandes e extensas; possuem longas fileiras onde se pode encontrar todo tipo de mercadoria que se possa imaginar; e algumas que nem imaginamos que exista estão ali expostas. Uma regra básica para que essa empreitada seja realmente efetiva é estarmos acompanhados por pessoas que, além de serem amantes de caminhadas, são por sua vez admiradores, valorizam e prezam por artesanato. Isso é necessário para que possamos trocar ideias e tecer comentários sobre os artigos encontrados e nos deslumbrarmos com as novidades.

Quando adquirimos algum objeto artesanal com a finalidade de presentear alguém temos a preocupação de tentarmos lembrar as cores que aquela pessoa gosta, se ela prefere algo para usar em casa, algum utensílio doméstico ou algo pessoal como uma bijuteria ou uma roupa. Essa intenção que temos em agradar, acertar na escolha, e, levar algo que tenha a cara da pessoa a qual queremos presentear, consiste em uma maneira de demonstrar nosso afeto e apreço. E o artesanato nos

oferece essa possibilidade de sermos afetuosos com nossos queridos. O artesanato é um produto que, se escolhido adequadamente, levando-se em conta o gosto da pessoa que se presenteia, e, respeitando suas preferências, certamente será uma opção acertada, a qual demonstrará carinho e atenção. Em contrapartida, a pessoa que recebe um artigo artesanal de presente, sempre se lembrará desse gesto de afeto por termos nos lembrado dela e procurado um produto que encaixou perfeitamente no seu gosto. Ao usar o presente que recebeu, a pessoa presenteada se recordará de que aquele objeto artesanal que ganhou é um símbolo do afeto que a pessoa que a presenteou tem por ela. Portanto, o artesanato, ao fortalecer esses laços afetuosos entre as pessoas, pode ser comparado a um símbolo que tem a função de demonstrar os sentimentos. De acordo com Gombrich (1999), o ponto de equilíbrio entre o símbolo e a coisa simbolizada não consiste na forma exterior, mas na função. O mais relevante não é a forma exterior, o objeto, mas a função que este objeto desempenha. Este autor argumenta que a representação age como se fosse uma chave que é adequada à determinada fechadura biológica ou psicológica. Ele ainda acrescenta que até mesmo moedas falsas inseridas em máquinas podem acioná-las; isto é, a moeda falsa deverá ter o mesmo peso e formato que a verdadeira para funcionar como uma chave verdadeira. Assim também ocorrerá com a representação. Ela vai substituir nossos sentimentos, se tiver a mesma intencionalidade que o afeto que temos, e se tiver a mesma carga de amor que temos para com a pessoa que oferecemos o objeto artesanal.

Do mesmo modo ocorre conosco quando recebemos artigos artesanais de presente. Ao usarmos um colar de sementes pintadas de amarelo e o outro com sementes em cores verdes, ambos confeccionados em Porto Seguro, sempre vamos nos lembrar de quem se lembrou de nós e trouxe algo que tinha certeza que gostaríamos, e que em todos os verões sempre usamos para compor as roupas alegres dessa estação. A travessa de madeira com o entalhe das caravelas de Pedro Álvares Cabral que ganhamos de presente, vinda diretamente de Porto Seguro tem um valor maior do que se fosse de aço inoxidável e de marca famosa. Esses objetos são representações do carinho e do afeto que recebemos de alguém que amamos e que nos amam. Como o cavalinho de pau era um substituto para um cavalo de verdade, nas meditações de Gombrich (1999), assim também esses produtos artesanais consistem em substitutos do amor e do afeto que temos pelas pessoas, e que de

igual forma recebemos delas, por meio da atitude de nos oferecer um objeto artesanal de presente.

Em outra perspectiva de representação podemos refletir sobre os artigos artesanais que trazemos dessas feiras e decoramos nossas casas, ou utensílios domésticos que utilizamos no dia a dia. Esses produtos artesanais trazem um pouco do lugar onde são confeccionados para dentro dos nossos lares e para dentro das nossas vidas. Em muitas residências podem ser encontrados vários artigos artesanais de grande utilidade como colheres de pau, pegadores de panela, dentre outros, os quais vieram de várias regiões e trouxeram consigo lembranças e saudades. Podemos olhar para o pendente de pequenas galinhas rechonchudas, dispostas umas sobre as outras e feitas com chita estampada, aconchegadas em ninhos de capim seco, confeccionadas em Porto de Galinhas, as quais permanecem anos a fio penduradas na parede da cozinha; e lembrar como foi aquela viagem e como era o clima naquela cidade. A história inusitada daquele lugar pode ser recontada para todo aquele que adentrar a nossa cozinha e notar as aves coloridas; basta apenas que o curioso pergunte de onde vieram aquelas galinhas.

Diante disso, ao refletirmos sobre o artesanato e os sentimentos que permeiam sua circulação e chegam até nossas mãos, entendemos que os objetos artesanais não são comprados apenas pela sua utilidade ou beleza, mas com uma intencionalidade. Essa intenção afetuosa que perpassa os objetos artesanais possibilita uma expressão além daquela que o artesão pretendia, quando produziu sua peça. O artesanato, ao ser acrescido do afeto que provem de quem o comprou ou de quem o recebeu, eleva seu valor e permite que os produtos artesanais tenham mais vida do que somente a estética que se observa. Ao serem olhados sob a óptica do afeto, os artigos artesanais passam a representar nossos sentimentos; eles se tornam, então, legítimos substitutos do nosso amor pelas pessoas.

## **CAPÍTULO 3**

### **METODOLOGIA**

Este capítulo apresenta a metodologia que norteou essa pesquisa. Utilizou-se a abordagem qualitativa, considerando-se o caráter subjetivo desse estudo. De acordo com Minayo (2015):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações (MINAYO, 2015, p.21).

Segundo esta autora a pesquisa qualitativa tem seu foco em estudos que priorizam a inspiração e a significação, o que remete à ideia de um relacionamento mais profundo com a realidade. Esse tipo de pesquisa consiste em uma busca mais profunda dos significados das ações e das relações humanas.

Inicialmente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com a intenção de conhecer alguns conceitos sobre arte e artesanato, e refletir sobre as diferenças e semelhanças entre essas duas atividades. Além disso, discutiu-se sobre o afeto e a representação no artesanato com o intuito de fundamentar este estudo.

A pesquisa de campo foi realizada por meio da observação das atividades de artesanato realizadas fora do espaço escolar. Especificamente em uma igreja, na região metropolitana de Belo Horizonte. O público alvo foi constituído de adolescentes entre 16 e 17 anos. O número de participantes que aceitaram o convite para participar das oficinas foi de 5 (cinco) adolescentes, dentre estes 1(um) rapaz e 4(quatro) moças. As atividades de artesanato observadas ocorreram em três momentos. No primeiro momento foi realizada uma oficina de papel marmorizado e nos dois momentos seguintes, oficinas para a realização de objetos a partir dos papéis obtidos na primeira oficina. As oficinas ocorreram aos sábados no período da manhã. As datas da realização das oficinas foram em sábados consecutivos, para que houvesse continuidade na execução da proposta.

### **3. 1- PRIMEIRA OFICINA**

Duração: 3 (três) horas

Iniciou-se o primeiro momento com a apresentação da proposta de realização das três oficinas. Em seguida, foi exposto o tema quando os adolescentes puderam conhecer um pouco a história do papel marmorizado, isto é, suas origens, a técnica e os materiais necessários para a realização da atividade. Foram propostos os outros dois momentos para datas posteriores, em função da necessidade de secagem das folhas que fossem tingidas naquela oficina; e, bem assim, do tempo estimado para cada uma das outras oficinas, o qual foi sugerido para um período de quatro horas, cada uma. Os materiais a serem utilizados foram dispostos em uma mesa e cada item foi mostrado aos participantes, seguindo-se as demonstrações da técnica. Havia disponíveis para a atividade quatro bacias retangulares, para que as tintas fossem utilizadas com mais agilidade, uma vez que ficavam as opções de cores sempre à mão, sem necessidade de trocar a água para novas cores. Os papéis utilizados foram: papel cartão branco, papel A4, branco e papel Lumi de várias cores. Foram disponibilizados vários espaços com varais de barbante amarrados em cadeiras para que os papéis marmorizados fossem expostos para a secagem.

### **3. 2 – RELATO**

A oficina de papel marmorizado ocorreu com a participação e envolvimento dos presentes, o que permitiu que eles explorassem os materiais disponíveis. Partindo das orientações iniciais os próprios participantes foram criando suas formas de realizar a marmorização dos papéis. Eles queriam experimentar outras maneiras de realizar a atividade. Um adolescente experimentou marmorizar somente as bordas, realizando um Passepatout colorido, foi seguido por outro que gostou da ideia. Já outro preferiu tentar a marmorização apenas no centro da folha; outro tentou somente na metade do papel. E, assim, transcorreu a atividade, com troca de ideias, experimentações, risos e muita cor. À medida que os papéis marmorizados eram erguidos da bacia com água, havia sempre expressões de surpresa pelas cores

obtidas e surgiam sugestões para a tentativa de combinação de novas cores e também a experimentação com papéis de colorações variadas.



Figura 2: Oficina de papel marmorizado

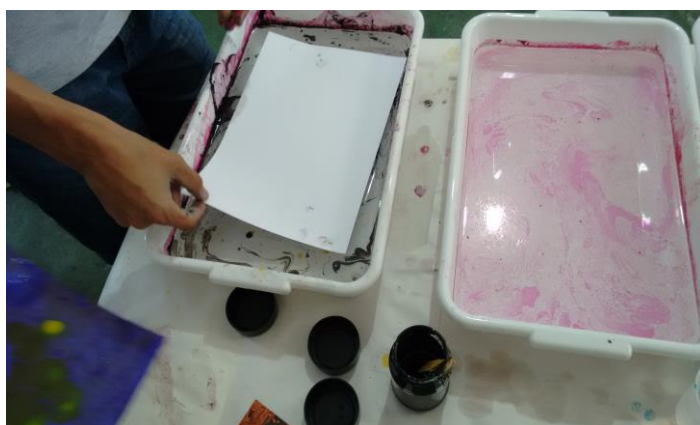


Figura 3: Oficina de papel marmorizado



Figura 4: Oficina de papel marmorizado





Figura 5: Oficina de papel marmorizado

Após as atividades o resultado do conjunto dos papéis dispostos no varal foi contemplado por todos os participantes, seguidos dos comentários e observações, e, bem assim, uma avaliação da oficina. Um dos adolescentes da turma comentou que viu um quadro à venda na Feira Hippie de Belo Horizonte que era exatamente aquele tipo de pintura, e ele sempre quis saber como era feito. Outra jovem comentou que no momento tem estudado muito para realizar as provas do Enem e que a sua participação na oficina de papel marmorizado foi um momento de descontração e as atividades trouxeram descanso e leveza à sua mente. Ela afirmou que tem o desejo de realizar esse tipo de atividade novamente.



Figura 6: Secagem dos papéis marmorizados

### **3.3 - SEGUNDA OFICINA**

Duração: 4 (quatro) horas

O segundo momento consistiu em uma oficina para confecção de objetos utilizando-se os papéis marmorizados da atividade anterior. Os artigos sugeridos para essa atividade foram: uma caixa que desmonta e transforma-se em um cartão, e a atividade de encapar cadernos. Para essa oficina disponibilizaram-se vários materiais: os papéis marmorizados; papéis Colorset e cartão, de várias cores; cadernos; tesouras; régua; colas, branca e com glitter; adesivo dupla-face; várias miudezas, como lantejoulas, retalhos, lã, adesivos, recortes de revistas, dentre outros; para que os adolescentes colassem no interior da caixa, permitindo que a imaginação e a criatividade de cada um fluíssem e as peças fossem surgindo aos poucos.

### **3.4 - RELATO**

Começou-se essa oficina com as capas de caderno. Após orientação sobre a gramatura dos papéis, os alunos preferiram utilizar os papéis cartão, por serem mais firmes, dando mais sustentação à capa do caderno. Os jovens escolheram os papéis marmorizados que mais lhe agradaram, mediram com régua os cadernos e com fita dupla-face colaram-nos nas capas. Foram surgindo as ideias para o acabamento: uns preferiram amarrar laços de fitas nos arames dos cadernos, já outros preferiram passar uma fita dourada entre os arames. E nesse tempo de colagem surgiram alguns comentários sobre como eles poderiam confeccionar cadernos para presentear familiares e amigos. Uma adolescente compartilhou uma ideia: poderia encapar um caderno de tamanho maior e de capa dura e oferecer a uma amiga que fará 15 anos. Para incrementar esse presente cada amigo poderia utilizar uma página e deixar uma mensagem para a colega.



Figura 7: Oficina de objetos a partir dos papéis marmorizados (cadernos).

Já para a atividade com as caixas, os jovens preferiram utilizar o papel marmorizado para a confecção da tampa; e com papel Colorset e papel cartão fizeram a caixa, uma vez que a caixa é de tamanho maior que o papel marmorizado realizado por eles. Utilizando-se um molde e um exemplar já pronto, a caixa foi apresentada aos alunos. Uma adolescente logo de início pensou em confeccionar a sua caixa e transformá-la em uma mensagem para os pais, que em breve farão aniversário de casamento. Essa garota compôs sua caixa em papel rosa; fez várias colagens e desenhos em seu interior homenageando os seus pais, dizendo que os amava e como eles eram importantes para ela. De igual forma seguiram-se as conversas e vários comentários sobre a facilidade de se fazer uma caixa que pode se transformar em um presente. O valor que há em oferecer um presente feito pela própria pessoa e o prazer de dizer que o trabalho foi personalizado, o qual pode ir com fotos e mensagens escritas de várias formas. Outro comentou que é possível colar barrinhas de chocolate, ou bombons no interior da caixa, proporcionando um delicioso perfume e um toque especial ao presente. E assim transcorreu a oficina para confecção dos objetos, a partir dos papéis marmorizados; momento de muita interação e troca de ideias. Em um determinado momento um dos participantes resolveu fazer um pequenino bilhete amarrado com um pedaço de lã para colar dentro da caixa, e em seu interior ser escrita uma mensagem. Outra colega viu, gostou da ideia e fez um bilhete parecido.



Figura 8: Oficina de caixa-cartão.



Figura 9: Oficina de caixa-cartão.



Figura 10: Oficina de caixa-cartão.

Ao final da oficina os jovens puderam expressar suas opiniões sobre a proposta realizada. Duas participantes não conseguiram terminar a caixa-cartão como gostariam, acrescentando os detalhes que planejaram em todas as faces da caixa;

porém se mostraram empolgadas com a oportunidade de conhecer algo novo que elas mesmas podem fazer e oferecer a uma pessoa, como lembrança de carinho e gratidão. Ao final dessa oficina seguiu-se uma avaliação do trabalho realizado, e os alunos puderam expressar sua opinião sobre o que essas atividades significaram para eles. Uma adolescente comentou que foi uma experiência muito boa, uma vez que ela está no último ano do ensino médio e teve aulas de arte somente até a sétima série

### **3.5 - TERCEIRA OFICINA**

Duração: 4 (quatro) horas

Já para o terceiro momento foram sugeridas as atividades de confecção de porta-bloquinho de recados, porta lápis e o revestimento de latas e embalagens reutilizáveis. Para essas atividades foram providenciados os seguintes materiais: molde do porta-bloquinho de recados, rolinhos de papel higiênico para os porta-lápis, latas vazias e embalagens de diversas procedências; bloquinhos de papel de quatro cores distintas; os papéis marmorizados; papéis cartão, A4, papel Lumi; tesouras; fita adesiva dupla-face; cola; adesivos transparentes para revestimento das latas; colas, branca e quente; lápis; borrachas; régua; vários objetos, como fita dourada, retalhos de lã; dentre outros, para que os adolescentes pudessem colar nos objetos, se assim o desejassem.

### **3.6 – RELATO**

Iniciou-se a terceira oficina com a atividade de revestimento das latas e embalagens. Após orientação sobre a gramatura dos papéis, os adolescentes preferiram revestir as latas e os porta-lápis com os papéis marmorizados feitos a partir dos papéis A4 e Lumi e deixaram os que foram realizados com papel cartão para a atividade com os porta-bloquinhos de recados, para que estes ficassem mais resistentes. Seguiram-se as atividades, e os alunos mostraram-se muito interessados com a possibilidade de criarem outros objetos a partir dos papéis que eles mesmos haviam produzido as estampas.

Na atividade de revestimento das latas e embalagens, logo de início, uma adolescente escolheu uma embalagem e já informou sobre a utilidade que daria ao objeto depois de revestido com o papel marmorizado; ela comentou que iria colocar os pincéis de maquiagem, pois se tratava de uma embalagem alta e de formato cilíndrico. Ela também se interessou em revestir a embalagem com plástico adesivo transparente, para dar mais durabilidade ao objeto. Outra colega acrescentou que esse tipo de embalagem serve apropriadamente para guardar os lápis que elas usam para esfumacar os olhos. As duas conversaram sobre isso e acharam a ideia excelente, uma vez que organiza os pincéis e lápis, facilitando o manuseio. Os alunos mostraram-se muito criativos lançando mão dos vários materiais disponíveis para compor seus objetos. Uma garota comentou que a lata a ser revestida poderia servir para colocar bijuteria. Já outra aluna comentou que poderia colar a tampa e transformá-la em um cofrinho. O adolescente do grupo revestiu o fundo da pequena lata que escolheu com retalhos de lã, colados em espiral. As colegas, ao perceberem o detalhe que o colega adicionou ao objeto, logo levantaram diversos comentários. Elas alegaram que ele era muito cuidadoso e que o detalhe poderia funcionar como um antiderrapante sobre a mesa; e, possivelmente, ele estaria pensando em oferecer aquela latinha para a namorada. Seguiram-se risos e gargalhadas.



Figura 11: Revestimento de latas e embalagens reutilizáveis



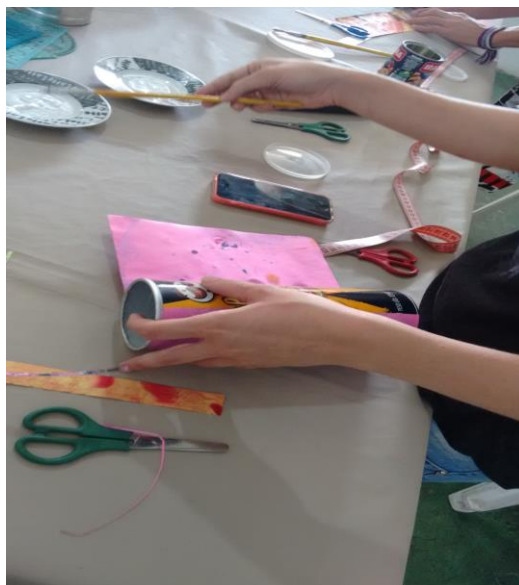


Figura 12: Revestimento de latas e embalagens reutilizáveis



Figura 13: Revestimento de latas e embalagens reutilizáveis

A atividade seguinte foi a confecção de porta-lápis a partir de rolinhos de papel higiênico. Uma adolescente comentou que gosta de presentear o namorado com algo que ela mesma faz e que iria fazer um porta-lápis para ele. Ela, então, escolheu um papel marmorizado preto e branco e iniciou a elaboração do objeto. Ao final da etapa, ela havia colocado fita dourada ao redor do rolinho e acrescentado detalhes brilhantes de cola com glitter dourado. Diante do resultado obtido com a sua peça, a jovem comentou que o porta-lápis havia ficado muito brilhante e que ela mesma ficaria com ele. Ela decidiu, então, começar outro com detalhes mais neutros, para presentear o namorado. Outra jovem comentou que no dia da última oficina não conseguiu terminar a sua caixa e colar os detalhes que havia planejado em todas as

faces internas; porém naquele dia ela não deixaria os objetos por terminar, inclusive a ideia de revestir o porta-lápis com fita dourada ao redor partiu dela; detalhe que todos gostaram e alguns experimentaram em seus objetos.



Figura 14: Oficina de porta-lápis



Figura 15: Oficina de porta-lápis

A última atividade oferecida foi a elaboração de um porta-bloquinho de recados. Os participantes demonstraram bastante interesse com essa proposta. Uma aluna comentou que utiliza esse tipo de adesivo para colar no caderno, como lembrete de alguma atividade da escola, tal como dia de prova ou entrega de trabalho. Também disse que a possibilidade de ter um porta-bloquinho irá facilitar na hora de utilizá-lo, pois não terá que procurar um bloco; e ela poderá colocar o porta-bloquinho sobre a



mesinha do quarto. Além disso, outra adolescente comentou que o porta-bloquinho é uma ótima sugestão para presentear colegas de escola, amigas ou uma pessoa da família; pois se trata de um objeto que pode conter também o nome da pessoa que o recebe, o que torna o presente personalizado. Na confecção desse item, foi observado que os jovens perguntavam a opinião uns dos outros sobre a cor adequada do bloquinho a ser colado no suporte, queriam que o objeto ficasse com contraste entre a cor do bloquinho e da base. Portanto, ocorreram também nessa oficina grande entrosamento e compartilhar de ideias e opiniões.



Figura 16: Oficina de porta-bloquinho



Figura 17: Oficina de porta-bloquinho



Figura 18: O trabalho finalizado

De igual forma, ao final da oficina, foi realizada uma roda de avaliação. Causou surpresa a fala de uma adolescente ao afirmar que tem ficado muito presa ao celular; e que nas horas investidas na realização das atividades, ela nem sentiu falta do aparelho, mesmo que esse tenha ficado sobre a mesa e junto a ela. Também enfatizou que com as oficinas ela utilizou o seu tempo com mais proveito e interesse. Já o adolescente do grupo afirmou que foi muito interessante aprender coisas novas.

### 3.7 – DISCUSSÃO

A experiência com as oficinas de papel marmorizado e as de objetos confeccionados a partir dos papéis estampados pelos próprios adolescentes foi uma oportunidade de conhecer um pouco sobre um trabalho com artesanato realizado fora do espaço escolar. Foi a possibilidade de perceber que os adolescentes se mostraram interessados com a proposta de experimentar, criar, fazer, refazer e ver o resultado do trabalho. A oportunidade que os alunos tiveram para escolher materiais, testar as colas, os adesivos e as tesouras, e ter experiências com alguns tipos de atividades que podem ser desenvolvidas com o papel marmorizado, consistiu em um momento de descontração e entrosamento. Ver nos rostos dos alunos o ânimo para tentar maneiras próprias de realizar uma atividade é entender que a experiência com o artesanato tem a característica de despertar a criatividade e o desafio. Nesse processo de despertar a criatividade encontramos que a interação com os colegas também tem um papel relevante. Foi possível observar essa interação em várias

situações durante as oficinas. Podem-se citar duas situações: quando uma adolescente utilizou a fita dourada para dar acabamento ao porta-lápis, duas colegas seguiram essa ideia. Já na confecção da caixa-cartão, quando uma jovem fez um pequenino bilhete amarrado com retalho de lã, despertou a atenção de outra aluna, que repetiu a ideia. O compartilhar das ideias e a percepção de que o colega criou algo diferente, consistem em uma forma de aprendizado. Já não é só a experiência própria que conta, mas a aproximação com o que o outro fez e as novas possibilidades de criação. Essas interações permitem que um se aproprie das ideias dos outros. Aprende-se também com a experiência do outro. O artesanato oferecido aos adolescentes por meio de oficinas pode promover esse tipo de interação. Essas constatações encontram consonância com o pensamento de Gombrich (1999) ao citar Wölfflin o qual afirmou que “todos os quadros devem mais aos outros quadros do que à natureza” (GOMBRICH, 1999, p.9). Gombrich (1999) ainda ressalta que não é adequado pensar que exista o olhar inocente, que vê o mundo sempre novo. Esse autor afirma que ocorre exatamente o contrário: o olhar poderia sucumbir diante da mistura caótica de formas e cores. Assim, entende-se que o compartilhar das ideias e as trocas de sugestões promovem um ambiente de partilha e de colaboração, favoráveis ao respeito às posturas dos outros, ao aprendizado e à criatividade.

Além das ideias, esses jovens compartilharam seus sentimentos, de uma forma descontraída e natural. Quando os adolescentes, nas oficinas realizadas, expressaram o que pretendiam fazer com o objeto que estavam confeccionando, ou demonstraram o desejo de posteriormente fazer outro objeto parecido, muitas vezes foi algo ligado aos sentimentos. Na primeira oficina uma jovem expressou seus sentimentos ao dizer que estava com a mente cansada, por estar se dedicando aos estudos para as provas do Enem, e, ao participar daquela oficina, sentiu-se mais descansada e leve; e, ainda afirmou o desejo de realizar essa técnica novamente. Já na segunda oficina, a de cadernos encapados, uma garota compartilhou que fará um caderno grande de capa dura e presenteará sua amiga no aniversário de 15 anos. Nesse mesmo dia, na oficina de caixa-cartão, outra adolescente confeccionou uma caixa para presentear os pais, com mensagens de amor e gratidão. Na terceira oficina, uma aluna lembrou-se do namorado e de como poderia ser amável confeccionando para ele um porta-lápis. Já outra garota surpreendeu-se, e, surpreendeu a todos, ao comentar que não sentiu falta do celular nas horas em que

participou das oficinas, mesmo que o aparelho tenha ficado sempre ao seu lado, sobre a mesa.

Diante disso, entende-se que as oficinas de artesanato, mesmo não sendo consideradas oficinas de arte, são uma forma de aproximar as pessoas e permitir que juntas aprendam algo interessante e compartilhem suas opiniões, conversem e se conheçam. Esse pensamento corrobora com algumas das meditações de Gombrich (1999), ao afirmar que o cavalinho de pau, mesmo não sendo arte e não possuindo aspirações estéticas, ocupava um espaço no canto do quarto de criança e poderia até mesmo ser digno de possuir um nome próprio. Assim ocorre com o artesanato, o qual pode ter seu espaço no âmbito das atividades artísticas e suas atribuições de feito à mão; e ser uma atividade que promova o afeto nos relacionamentos. A oficina de artesanato, de igual forma, pode ser uma atividade sem grandes pretensões de fama ou posição, mas promove a interação e a partilha de ideias e sentimentos. Isso foi constatado nas três oficinas realizadas para este estudo. Nesses momentos de aprendizado foi observado que os adolescentes demonstraram seus sentimentos ao confeccionarem alguns objetos, já com um objetivo: presentear alguém e demonstrar seu carinho e afeição por meio de algo feito por suas próprias mãos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artesanato fora do espaço escolar por meio de oficinas de artesanato foi o tema estudado nessa pesquisa. Procurou-se conhecer como ocorrem essas atividades e a metodologia utilizada. Além disso, a representação e o afeto foram conceitos que nortearam esse estudo e proporcionaram diálogos e reflexões no sentido de tentar compreender as relações que podem existir entre os objetos confeccionados nas oficinas e os sentimentos que os adolescentes expressam quando realizam essas atividades.

Um cartão confeccionado pela própria pessoa torna a mensagem contida nele muito mais próxima e pessoal. Já não é apenas um cartão qualquer comprado em uma papelaria, mas uma expressão de afeto e carinho elaborado e pensado exclusivamente para a pessoa que o recebe. O cartão é apenas um pedaço de papel, mas a mensagem e a arte que envolvem as palavras trazem símbolos e significados que a pessoa entende e recebe; e, com isso, os relacionamentos podem ser enriquecidos. Essa situação nos remete à ideia de algo profundo e sincero, uma vez que envolve o investimento do tempo e da atenção de quem confeccionou o cartão, conferindo identidade ao objeto.

O artesanato, muitas vezes considerado uma atividade inferior e menos valorizada, atualmente tem se consolidado e se firmado. A valorização das atividades artesanais e a procura por artigos confeccionados manualmente tem demonstrado que o artesanato conquistou seu espaço e está ocupando-o legitimamente. Essa valorização deve-se ao fato de que se tem percebido a necessidade de resgatar tradições e valores culturais e priorizar a compra de objetos nacionais e, de preferência, feitos manualmente. É necessário dar espaço às expressões artísticas regionais e incentivar as experiências em artesanato em nossas comunidades. Começar pelas oficinas de artesanato fora do espaço escolar é uma maneira de oferecer aos jovens a oportunidade de expressarem seus sentimentos e compartilharem as suas ideias.

E, nas oficinas de artesanato observadas nessa investigação foi possível conhecer como o artesanato suscita nas pessoas a oportunidade de se expressarem e serem afetuosas. Os adolescentes perceberam que podem realizar objetos com expressão e significado utilizando suas mãos, poucos recursos e muita criatividade. Para além

disso, essas atividades de oficinas de artesanato fora do espaço escolar podem ajudar na construção da identidade desses alunos como pessoas, como indivíduos. Cada um prefere uma cor, cada um tem sua maneira de executar as atividades nas oficinas. Essas identidades múltiplas e diversificadas vão se entrecruzando e é uma oportunidade para os adolescentes serem sensibilizados a respeitar as várias identidades e os diversos pensamentos de seus colegas.

Esse estudo consistiu em um breve olhar sobre uma situação específica de oficinas de artesanato fora do espaço escolar. Entretanto, deve-se deixar um caminho aberto para que outras reflexões sejam realizadas juntamente com os adolescentes e estudos futuros contribuam para que esses jovens possam ser estimulados a ter experiências com o artesanato.

## REFERÊNCIAS:

AGONIA e Êxtase. Direção e produção: Carol Reed, Fotografia: Leon Shamroy, Trilha sonora: Jerry Goldsmith, U.S. A., 20th Century Fox, 1965, 138min., Son., Color. Título Original: The Agony and the Ecstasy. Disponível em: <<http://www.filmesdetv.com/the-agony-and-the-ecstasy.html>>. Acesso em: 06 set. 2015.

ARGAN, G.C. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins fontes, 1995.

BUONARROTI. M. *Poemas*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

DUARTE. J.F. *Por quê Arte-Educação*. São Paulo: Papyrus, 1996.

EISENBART, R. Marbling Magic - An Introduction to the Art of Marbling. Disponível em:< [https://www.youtube.com/watch?v=m\\_laLzd9URw](https://www.youtube.com/watch?v=m_laLzd9URw)>. Acesso em: 25 set. 2015.

GOMBRICH, E.H. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GOMBRICH, E.H. *Meditações sobre um Cavalinho de Pau e Outros Ensaios sobre a Teoria da Arte*. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1999.

HEDLUND, J. Making Marbled Paper in Florence, Italy. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NOy8X7MR0il>>. Acesso em: 25 set. 2015.

LEWIS, J. The Art of Marbling. Crafting a beautiful book. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qwkkIfldRjg>>. Acesso em: 25 set. 2015.

MINAYO, M. C. De S. (Org.) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: vozes, 2015.

MORAIS, F. *Arte é o que eu e você chamamos de Arte: 801 definições sobre Arte e o sistema de Arte*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

OSTROWER, F. *Criatividade na Educação*. In PEREIRA, M.L.M. *A Arte como Processo na Educação*. Rio de Janeiro: Funarte, 1981. Disponível em: [http://faygaostrower.org.br/images/downloads/1981\\_fayga\\_a\\_criatividade\\_na\\_educacao%3%A7%3A3o.pdf](http://faygaostrower.org.br/images/downloads/1981_fayga_a_criatividade_na_educacao%3%A7%3A3o.pdf). Acesso em 20 de Setembro de 2015.

SATURNINO, J. *Artes da Fibras*. In: PIMENTEL, L.G. (org). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 3*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.